

O sucesso que  
conquistou  
milhares  
de pessoas

ZIBIA GASPARETTO

pelo espírito Lucius

# Esmeralda

Nova Edição

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**ESMERALDA**

**Zibia Gasparetto**

**Vida e Consciência**

## **Prólogo**

Todos nós escolhemos livremente nossos caminhos. Pressionados pelas emoções, baseados em nossos sentimentos, envolvidos em nossas ilusões.

Escolhemos ao preferir esta ou aquela oportunidade, ao fazer este ou aquele conceito, ao colocarmos em nossos próprios olhos as lentes com as quais preferimos enxergar a vida, as pessoas, as coisas.

Tudo é escolha nossa. Apesar disso, muitas vezes, nos revoltamos quando, ao toque da realidade que sempre toma o nome de decepção, o reflexo de nossas escolhas nos atinge o coração, com resposta diferente da que esperávamos, porém a única possível como reação de nossos atos.

Enganar-se na escolha é fato tão comum a nós todos como a presença do sofrimento e da dor, instrumentos de reajuste a que por isso fizemos jus.

Revoltar-se diante das conseqüências de nossos próprios atos é tão ingênuo e inadequado quanto nossa teimosia em conduzir a vida como se ela pudesse obedecer-nos, servindo a nossas fantasias e infantilidades.

A vida é perfeita porquanto é criação de Deus. Assim sendo, suas respostas guardam a sabedoria divina. Nenhum homem poderá controlá-la. Ao contrário, há necessidade de compreender-lhe a essência e procurar harmonizar-se a seu movimento, que é a garantia de nossa felicidade, porquanto sua meta única e objetiva é a de tornar-nos espíritos mais conscientes das verdades eternas que guarda em seu seio, e felizes participantes da alegria divina que tudo movimenta e harmoniza no belíssimo concerto universal.

Ao trazeremos neste livro pedaços de nossa memória, lembrando acontecimentos de outros tempos, temos o objetivo de mostrar, através dos fatos reais onde cada um dos protagonistas escolheu seu rumo, as respostas que tiveram da vida.

É claro que, tanto eles quanto nós próprios continuamos em nossa trajetória, escolhendo novos rumos e recebendo as respostas e estímulos da vida. Porém, neste "flash" que relatamos de suas vidas, podemos, quem sabe, encontrar em suas emoções e lutas reflexos de nossos anseios mais íntimos e, desta forma, percebermos por antecipação as respostas que a vida nos daria, neste ou naquele roteiro, e poderemos assim nortear nossas escolhas para colocar nu nossos caminhos mais alegria, mais felicidade e mais paz.

Estes são meus votos.

*Lucius*

*São Paulo, 13 de julho de 1983*

## Capítulo I

Espanha! Terra do sonho! Sol, flores, músicas, colorido.

Valença! Cidade do sol, das mulheres, dos amores e da música. Suas mas estão cobertas pelas lembranças dos tempos e pela poeira dos séculos.

Agosto, 1812. A cidade em festa e o ruído alegre dos romeiros que demandavam à Praça para o Dia de Graças.

Carlos caminhava alegre, tinha asas nos pés, música nos lábios, flores no chapéu e alegria no coração.

Mocidade: tudo muda a seu toque mágico, todas as coisas se embelezam!

Agosto, 1812. Festa em Valença, vinte anos, juventude, força e beleza. Como não sorrir?

Como não brincar com o amor das mulheres ardentes da Andaluzia, como não tanger a guitarra em ritmos loucos? Como?

Agosto, 1812. Espanha. Valença. Festa. Luz. Praça regurgitando. Cheiro gostoso das castanhas na brasa, dos biscoitos rosqueados e das brincadeiras ingênuas. O moço galgou a praça sentindo na boca o gosto de viver. O mundo era seu. Ele era o dono de tudo. No meio, as

barracas coloridas de San Agustín, no pregão dos leilões o alarido alegre e a fumaça das fogueiras, onde as carnes eram assadas. No centro, as pipas de vinho e os bebedores inveterados contando seus chasqueados e mitos.

Carlos queria dançar. O som da guitarra e da música cigana o animava. Vestira a roupa colorida dos moços da rua, longe do palácio escuro dos seus e da disciplina dos parentes. Seus muros pesavam, sua severidade o esmagava. Era verão e havia festa entre o povo. Ele queria estar entre eles. Vestira roupa plebéia. Ninguém o vira sair. Caminhou contente. Dançar! Era isso.

De passagem, pegou uma caneca de vinho e bebeu deliciado. Até o vinho comum pareceu-lhe infinitamente melhor do que o de sua adega.

Uma cigana rodopiava entre os pares que dançavam na rua. Mergulhou na música e nos braços dela. Seu corpo jovem e belo parecia ter asas e em seu rosto corado havia satisfação e êxtase. Parecia irreal e distante.

Carlos a enlaçou, dançaram juntos, quanto tempo? Uma, duas, três, quatro horas? Até que a noite desceu e se atiraram rindo, exaustos e felizes, ao chão.

A festa prosseguia e os lábios da cigana tinham a cor e a frescura dos botões de rosa. A certa altura ele não se conteve, levou-a para um local deserto e no campo ermo, à luz das estrelas, amaram-se loucamente.

Depois, olhando-a nos olhos, Carlos indagou:

— Como te chamam?

— Esmeralda.

— Esmeralda! Jóia preciosa.

— E tu, como te chamas?

— Ricardo — mentiu ele por força do hábito. Ela alisou-lhe o rosto com suavidade.

— Não és cigano. Quem és?

— Ninguém. Um pobre-diabo. Mas eu te amo. Ela riu deliciada.

— Não nos deixaremos mais — sentenciou decidida. — Virás conosco. Se não és ninguém, podes ser cigano.

Ele sorriu enlevado. Se ele pudesse! Por que não? Talvez fosse possível ficar uns tempos com eles. Seria fascinante.

Afagou a cabeça morena da cigana, cujos cabelos sedosos e ondulados levantavam delicados caracóis que a dança liberara.

— Posso ir contigo?

— Claro. Miro não vai importar-se. Quanto ao resto, deixa comigo.

Ficaremos juntos para sempre. Amanhã, depois da festa, seguiremos para Madri. Vens comigo?

— Vou. Mas antes preciso pegar minhas roupas e algum dinheiro. Tenho pouco, não me demoro.

— Não te vás ainda — pediu ela.

Abraçaram-se de novo. Só de madrugada, o dia amanhecendo, ele pôde deixá-la com a promessa de que voltaria quando o sol saísse e juntos partiriam para sempre.

Cansado e feliz, Carlos regressou. A abertura secreta por onde ele entrava e saía do castelo cheirava a mofo e provocou-lhe náuseas. Não bebera muito vinho, mas embriagara-o o amor de Esmeralda. Entrou no quarto onde seu valete dormia largado. Pobre-diabo. Uma caneca de vinho

e pronto, não incomodava mais.

Abriu as cortinas, pegou umas roupas e colocou-as num saco. Seu pai já se levantara, por certo. Tinha que lhe falar. O sol já ia alto quando Carlos entrou no salão e o viu ocupado no exame de uma caixa com armas de caça que estava aberta a sua frente.

— Carlos!

— Deus vos salve, meu pai.

— Deus vos abençoe, meu filho.

— Pai, preciso de vossa ajuda.

O rico senhor, alto, moreno, caprichosa barba descendo-lhe sobre o peito alcançando o elegante gibão de veludo, seu olhar frio e meticuloso examinando as armas com atenção, respondeu:

— Fala.

— Preciso de vossos préstimos.

— Para quê?

— Preciso de vossa licença para ir a Madri.

— Que queres de lá? Por acaso a corte te chama? Conhecendo-lhe o fraco, o moço aduziu:

— Meu amigo Álvaro está em casa de D. Hernandez. Vão às festas de verão e por certo D. Maria estará lá.

O velho pareceu agradavelmente surpreso.

— Queres lá ir?

— Sim. Com vossa permissão. Serei hóspede de D. Hernandez, pai de D.

Maria. Tenho

vossa permissão?

— Com gosto. Leva este saco de ouro para tuas necessidades.

Era com alegria que recebia a decisão do filho. Há tempos sonhava com a união de sua casa com a de D. Antônio Hernandez, nobre e conceituado senhor, rico e poderoso. Carlos sempre se mostrara indiferente e agora estava disposto a cooperar.

— Leva teu valete. Não podes lá ir sem ginete.

Carlos cocou a cabeça contrariado. Aquela mula poderia estragar tudo.

Porém não podia contrariar o pai. Não desejava ter problemas. Queria gozar a vida, mas não pretendia deixar de lado seu patrimônio familiar.

— Quando partes?

— Agora, se vossa senhoria permitir...

— Tanta pressa?

— Sim. Esperam-me lá para abrir as danças.

— Certo. Podes ir com meus préstimos a D. Antônio. Não podes partir sem mimos para a família. Seria imperdoável. Como hóspede, tens a obrigação de ser delicado.

Carlos disfarçou o enfado. Tinha pressa em rever Esmeralda.

— Achais necessário?

— Por certo. Aqui tens esta pistola cravejada, leva-a para D. Antônio. Quanto a D.

Engracia e D. Maria, tua mãe te dará algumas jóias delicadas. Vai ter com ela, que te vai servir.

Carlos apanhou a caixa com a pistola e apressou-se em procurar seu valete. Sacudiu-o com

força.

— Acorda, diabo. Anda, arruma tuas coisas que vamos para Madri. Avia-te rápido.

O criado acordou assustado e sem perguntar nada apressou-se a obedecer.

— Prepara os cavalos, que tenho pressa.

Em seguida, dirigiu-se aos aposentos de sua mãe. Seu rosto encheu-se de

tennura fixando a figura robusta e agradável de D. Encarnação.

Era jovem ainda, cabelos castanho-escuros caprichosamente penteados, presos em coque na nuca, tez clara e delicada, olhos castanhos e alegres, vivos e expressivos; porte ereto que o vestido severo afinava, dando-lhe gracioso aprumo.

— Deus vos salve, mãe querida.

D. Encarnação voltou-se surpresa. Um brilho malicioso apareceu-lhe no olhar, tornando-a incrivelmente jovem.

— Que forças benditas arrancaram-te da cama tão cedo? Ou será que não te deitaste?

Carlos tentou dissimular:

— Nada, preciosa. Vou viajar. Acordei cedo. Vou a Madri.

— A Madri? A que vais?

— Às festas de verão. Vou hospedar-me em casa de D. Antônio Hernandez. A mãe abanou a cabeça, pensativa.

— Por que queres lá ir? Por acaso teu pai exigiu?

— Não. Mas cansei-me daqui e resolvi ir às festas. Meu pai deseja ofertar mimos às damas na casa de D. Hernandez. Vim despedir-me de ti e buscar algumas jóias de tua coleção.

A mãe abraçou-o com carinho.

— Certamente, meu filho. Mas vê lá o que fazes em Madri. Tens muita gana de divertimentos e a corte traz muitos perigos a um jovem como tu. Lá mata-se à espada por qualquer querela.

— Levo meu valete. Há de proteger-me. Depois, sabes que sou trocista. Não gosto de pelear. Quero dançar e brincar. Não entro em disputas ou brigas.

— É — suspirou ela —, isso me acalma. Quanto tempo estarás por lá?

— Não te apures. Dois ou três meses. Se não gostar, volto antes. Agora preciso ir.

D. Encarnação, resignada, apanhou uma caixa e dela escolheu dois regalos que acondicionou e entregou ao filho.

— Ai estão. O broche para D. Engracia e os brincos com o colar para D. Maria.

— Deus te bendiga, mãe querida. Sentirei tua falta.

Carlos era sincero. Sua afinidade com a mãe era pronunciada. Apanhou o saco com as jóias e beijando-lhe a face com carinho saiu apressado. Pediu a bênção ao pai e deu-se pressa em alcançar o pátio onde o ginete o esperava com os cavalos, os sacos de cada um presos à sela do animal. Montaram e saíram. Assim que o castelo ficou para trás, Carlos parou e chamou seu valete:

— Inácio.

— Pronto, Dom Carlos.

— Quero que entendas. Não me chames mais de Dom Carlos.

— Não?!

— Vais me chamar de Ricardo. Meu nome agora é Ricardo.

— Como pode ser? Sois Dom Carlos.

— Escuta. Se me chamares de Dom Carlos, mais uma vez que seja, parto teu pescoço e te arranco a língua. Entendeste agora?

— Sim, senhor. Sim, senhor.

— Vamos ao acampamento dos ciganos.

— Ciganos? Valha-nos Deus. Vão assaltar-vos. Não podemos ir...

— Cala-te homem. Se abres a boca para contar a D. Fernando, arranco-te a língua.

— Patrão, é perigoso. D. Fernando quer que eu cuide do menino.

— Pois de mim cuide eu. Vais comigo e não vais abrir a boca. Nem para os ciganos. Eu agora sou Ricardo Álvares, moço aventureiro e sem família.

— Mas não sois. E mentira.

— Mas estou sendo e se me desmentires, se alguém souber meu nome certo, tua vida não

vale mais nada.

— Ai, Deus meu! Que triste sorte! Se D. Fernando souber, me mata; se eu falar a verdade, o menino me mata. Estou morto de todo jeito...

— Pára de lamentar-te. Se me servires com devotamento, se me obedeceres, só tens a ganhar. Estarás comigo e teremos muitas alegrias.

— Para vos servir vivo eu. Minha vida por meu amo e senhor. Mas ir aos ciganos é loucura!

Levam vida devassa. Assaltam, roubam, meu amo não os conhece.

— Bobagens. Conheço-os muito bem. Sei o que faço, e não me chames de amo. Sou Ricardo e pronto. Vigia-te para não me traíres. A primeira marotada que fizeres, não te levo comigo.

Inácio baixou a cabeça magoado.

— Não podeis fazer isso comigo. Eu vos vi nascer.

— Não me venhas com essa história. Se me obedeceres, tudo irá bem, ficaremos algum tempo e voltaremos para casa. Agora vamos, tenho pressa.

Carlos esporeou o animal, que partiu a galope obrigando Inácio a correr para alcançá-lo.

O sol já ia alto quando chegaram ao acampamento cigano. Este localizava-se em um belo bosque, onde tinham espalhado suas carroças, cada família fazendo sua própria comida. Os cavalos pastavam sossegados, e as carroças sob as árvores estavam silenciosas, demonstrando que a maioria dormia. Pelo chão, vestígios da festa, garrafas vazias, objetos, fitas coloridas, canecas, restos de fogueira e pedaços de carne ainda nos espetos, mostrando que tinham continuado

a

festa no acampamento. Algumas crianças brincavam descuidadas.

— Acho que dormem — pensou Carlos, aspirando com delícia o cheiro de mato misturado ao odor particularmente excitante da aventura e do lugar.

Inácio olhava o amo, temeroso e aflito. Carlos desceu do cavalo e dirigiu-se às crianças.

— Menino, podes me dizer onde é a carroça de Esmeralda?

— Posso. Ide por ali e no fim encontrareis três carroças: a do meio é a dela.

— Vamos embora, Dom Carlos... digo, Dom Ricardo...

— Cala-te, homem. Não é Dom, é só Ricardo. E não facilites ou te arranco a língua, assim ficas mudo e nunca mais dirás o que não deves. Fica aqui e espera.

— Sim, senhor — disse Inácio amargurado.

D. Carlos segurando o animal pelas rédeas adiantou-se rumo à carroça de Esmeralda. Ao lado, uma velha acendia uma fogueira colocando um tacho sobre ela.

A carroça de Esmeralda estava fechada. Era de bom tamanho, em comparação com as demais, seus varais descansavam no chão, mas, apesar disso, ela continuava em posição reta, pois havia um encaixe onde os varais se movimentavam, tinha uns dois metros e meio de comprimento por um e oitenta de largo e estava coberta por espécie de lona de cor indefinida.

Mas tanto na parte dianteira como na traseira, cortinas de panos coloridos colocavam uma nota alegre no acanhado veículo. Aproximando-se, Carlos chamou:

— Esmeralda, Esmeralda! — Não obteve resposta. — Esmeralda! — continuou, elevando a voz.

A velha continuava ao pé do fogo indo e vindo na carroça contígua. Depois de chamar algumas vezes, Carlos dirigiu-se a ela.

— Mulher, podes me dizer onde está Esmeralda?

— Para que a queres?

— Ela me espera. Combinamos ontem em *San Agustín*. Ela não está? A velha sacudiu os ombros.

— Deve estar. Mas está cansada e dorme. Melhor não chamar. Ela não vai acordar. É capaz de dormir o dia todo.

— Disse que ia me esperar — retrucou ele, um pouco contrariado.

— Disse? É, pode ser. Mas quando dorme, ninguém se arrisca a acordá-la. Fica contrariada e perde a alegria. E quando Esmeralda perde a alegria, tudo pode acontecer.

— Queres dizer que devo esperar?

— É. Deves. Se queres mesmo falar com ela, espera que ela mesmo te chame quando acordar.

Apesar de contrariado, Carlos resolveu esperar. Não era de seu feitio ceder, mas Esmeralda dançara muito e bebera muito vinho também, certamente não possuía sua resistência e não conseguia acordar. Chamou Inácio.

— Vamos dormir um pouco.

— Mas eu não tenho sono. Dormi muito bem esta noite.

— Eu vou dormir. Se queres ficar acordado, não fales com ninguém, nem saias daqui.

Quando Esmeralda acordar, chama-me.

Apesar de não saber quem era Esmeralda, Inácio concordou. Já suspeitava que devia ter rabo de saia na aventura. Apanhou a manta.

— Onde desejas repousar?

— Deixa que eu me arrumo.

— E se esses homens acordarem?

— O que tem?

— Não vão nos expulsar?

Vários ciganos dormiam a sono solto espalhados pelas moitas, alguns ainda conservavam entre os dedos a caneca vazia.

— Não tem perigo. Deixa-me dormir. Estou cansado. Escolhendo uma moita de capim macio, estendeu a manta e estirou-se com gosto. Afinal, estava mesmo cansado. Um bom sono lhe faria muito bem. Olhou as nesgas de céu azul que apareciam por entre as copas das árvores.

Era feliz. Vinte anos, alegria, aventura, amor!

O rosto de Esmeralda, corado e brilhante, surgiu-lhe na mente entre volteios de dança, o gosto de seus beijos ardentes aqueceu-lhe o coração. Embalado por doce amolecimento, adormeceu.

Despertou horas depois com um retinir de ferros e um alarido. Esfregou os olhos tentando lembrar-se de onde se encontrava. Avistou Inácio encolhido atrás da árvore.

— Que diabo fazes aí? — indagou ainda sonolento.

— Nada. Estava esperando que acordásseis. Tive medo deles.

— Falaram contigo?

— Não. Parece que nem nos notaram, mas tive medo. Falam aos berros. Soltam pragas, dão altas risadas, não agem como gentis-homens.

— Claro que não. Viste Esmeralda? Inácio sacudiu a cabeça.

— Não saiu da carroça?

— Não saiu ninguém.

Carlos perpassou o olhar pelo acampamento. Os homens tinham acordado e movimentavam-se de um lado a outro. As mulheres e as crianças circulavam ao redor das fogueiras comendo batatas e milho verde assados e restos de carne da noite anterior. Alguns bebiam borra de milho. Os homens cuidavam dos animais e dos arreios. Pelo jeito preparavam-se para levantar acampamento.

— Preciso achar Esmeralda — pensou Carlos.

Sentiu fome. Tinha provisões que trouxera para viagem. Pedacos de carneiro e pão. Inácio trouxera vinho, mas Carlos estava um pouco enjoado. Comeu e

impacientou-se. Dirigiu-se à carroça de Esmeralda.

— Esmeralda! Esmeralda!

Não obteve resposta. Não ia esperar mais. Colocou a mão na cortina para abri-la. Violenta chicotada atingiu-lhe a mão crispada.

Carlos deu um grito de dor e de susto, e furioso procurou a mão que o vergastara. Um cigano alto e muito forte estava de pé ao lado da carroça tendo ainda na mão o chicote que o castigara.

— Esmeralda dorme. Não pode ser perturbada. E não debes tentar entrar. Se puseres a mão de novo aí, vou usar a espada e garanto que nunca mais terás mão para pôr em lugar algum. O cigano falava sem altear a voz, mas seus olhos brilhavam como aço. Carlos percebeu que ele não brincava. Resolveu contemporizar.

— Ela combinou comigo. Mandou que eu viesse e quer me ver. Somos amigos. Não vou lhe fazer nenhum mal.

O cigano riu sonoramente.

— Fazer mal a Esmeralda? Tem graça. Mas se continuares amigo dela e ficares por aqui, tens que fazer o que ela quer. Quando Esmeralda dorme, eu vigio e só quando ela acorda e quer é que se levanta. Agora sai daí e espera, se quiseres. A contragosto, Carlos afastou-se da carroça, indo deitar-se novamente em sua manta.

Inácio estava pálido.

— Vamos embora, amo, enquanto é tempo. Isto não é lugar para nós. Esses ciganos vão nos matar.

— Não vou embora sem falar com Esmeralda. Se ela não me quiser, voltaremos. Mas por enquanto vou esperar.

— Por que não vamos à vila e voltamos mais tarde?

— Não adianta. Não saio daqui. Vamos aguardar.

Resignado, Inácio sentou-se. Mas apesar de fingir descansar, observava os ciganos entre preocupado e temeroso.

As horas foram passando e Carlos cada vez se impacientava mais. Sentado sob uma árvore, cerrava os olhos fingindo dormir, mas as cortinas da carroça da cigana o atraíam e não conseguia desviar dali sua atenção.

A atividade do acampamento prosseguia e algumas carroças já atrelavam os cavalos, preparando-se para viajar.

Carlos irritava-se que ninguém se preocupasse com a cigana. Ela podia até estar doente.

Será que ela não pretendia partir?

A tarde já começava a declinar quando finalmente uma mão nervosa correu a cortina da carroça. A figura graciosa da cigana surgiu fresca como uma flor de manhã. Carlos levantou-se de um salto.

— Finalmente.

Ela saltou da carroça com agilidade. E passou por Carlos parecendo não vê-lo. Dirigiu-se aos ciganos com alegria, apanhou uma espiga de milho e a trincou com gosto.

Carlos mal se continha. Será que Esmeralda não mais se lembrava dele? Irritado, acompanhou-a com o olhar. Ela pareceu ignorá-lo. Brincava com as crianças, chasqueava com os homens, abraçava as mulheres.

Essa mulher parecia-lhe distante. Não era a mesma que suspirara de amor em seus braços.

Certamente já o tinha esquecido. Profundamente decepcionado, Carlos, vendo-a abraçada ao moço cigano que o chicoteara, decidiu:

— Acho que tens razão, Inácio. Vamos embora.

O ginete suspirou aliviado. Graças a Deus! Apanhou os cavalos, Carlos juntou seus pertences e desanimado começou a preparar-se para partir. Afinal, sua aventura durara pouco.

Puxando o animal pelas rédeas, foi se afastando vagaroso, lançando um último olhar para os ciganos. Não viu Esmeralda. Cabisbaixo, começou a andar pelo bosque, puxando o animal e seguido por Inácio aliviado.

— Vamos montar para ir mais depressa. Chegaremos antes que escureça.

— Não podemos voltar para casa. Melhor seguirmos para Madri.

— Procurar D. Hernandez? Estás louco? Quero liberdade. Deixe-me pensar.

— Melhor era voltar ao castelo...

— Cala-te. Quem decide sou eu. Caminharam mais um pouco até que Carlos decidiu:

— Sim. Vamos para Madri.

— Vamos viajar à noite?

— O que tem?

— É perigoso, amo.

— Vamos seguir.

Montaram os animais e rumaram para a estrada que os levaria a Madri. Pelo caminho Carlos ia pensativo. Sua aventura começara mal. Estava exasperado. Esperar por uma cigana como se fosse um criado! Se não estivesse no meio de sua gente, ela não teria sido tão petulante.

Haveria de dar-lhe uma lição. Iria a Madri e certamente lá teria oportunidade de vê-la. Talvez tivesse sido um pouco precipitado. Já que tinha esperado tanto, podia ter ficado um pouco mais para ver o que acontecia. Claro que ela o tinha visto, e era ainda mais claro que o tinha reconhecido. Apesar de ter bebido, ela não se embriagara. Estivera lúcida todo o tempo. Mas então, como entender? Seria mulher daquele brutamontes?

A figura do cigano com o chicote na mão enraiveceu-o. Não podia ser. Se fosse assim, ela não teria abertamente namorado e se exibido com ele. Então como entender? Ela o tinha convidado com insistência para seguir com eles no

acampamento. Por que fingira não vê-lo?

Apesar de tudo, a figura da moça cigana não lhe saía da mente. Que mulher! Jamais conhecera alguém como ela! Apesar de muito jovem, Carlos tivera incontáveis aventuras amorosas. Desde menino demonstrara acentuada vocação para o amor, possuindo aquele encanto que fazia as mulheres se tornarem submissas e apaixonadas, e não se lembrava de nenhuma que tivesse durante muito tempo resistido a suas investidas. O inconstante era ele. Espírito sonhador e apaixonado, mas adulto e mimado, acabava por cansar-se e o que de início fora uma paixão irresistível e avassaladora se transformava em tédio e insatisfação.

— Ela pensa que sou um pobre-diabo — pensou Carlos com raiva. — Se soubesse quem sou na realidade, iria cair a meus pés. Aquela interesseira!

Mas ao mesmo tempo sentiu-se derrotado. Se Esmeralda o amasse por seu dinheiro, certamente ele se sentiria um incapaz de conquistar-lhe a preferência, e seu orgulho se feriria ainda mais.

Mas seu romance com a cigana não estava encerrado. Ela ainda havia de ser dele. Ainda a teria submissa e apaixonada nos braços e teria o prazer de ser seu amo e senhor. "Esmeralda acorda à hora que quer", pensou irritado. Parecia uma rainha. Ninguém ousava perturbar-lhe o sono ou desobedecer-lhe a vontade.

Teria o gosto de acordá-la quando bem quisesse e determinar o que ela iria fazer. A esse pensamento, sentiu-se mais calmo.

Foi quando, de repente, ao dobrar uma curva da estrada, viu um vulto e sentiu violenta dor na cabeça, tombando sobre o animal, sem sentidos.

Inácio berrava por socorro, quando violenta pancada também o prostrou. Três homens montados e vestindo escuro burel procuraram prender os animais de suas vítimas. Desceram e brutalmente jogaram os dois cavaleiros no chão. E ávidos procuraram os haveres que pretendiam roubar. Encontraram as jóias e o saco com o ouro. Levaram tudo, inclusive os animais. Carlos, ainda tonto, abriu os olhos no exato momento em que um deles lhe vasculhava as algibeiras e percebendo a situação reagiu agarrando-o pelo pescoço. Sentindo-se sufocar, o assaltante começou a golpeá-lo com ambas as mãos enquanto os outros dois, em socorro ao companheiro, aplicaram-lhe pontapés. Um deles pespegou-lhe violenta pancada na cabeça. Carlos estrebuchou e perdeu os sentidos.

## Capítulo II

Era uma noite estrelada e agradável quando os ciganos começaram a deixar a cidade. iam alegres e bem-dispostos. Os bolsos cheios e, o estômago farto. Tinham-se divertido nas festas, mas tinham também amealhado recursos para o futuro.

Pode parecer que eles tivessem vida livre e descontraída, o que até certo ponto era verdade.

Seus preconceitos, porém, eram outros, bem diferentes das outras raças.

Apesar de nômades, não eram imprevidentes e aproveitavam a primavera e o verão para angariar os recursos para o inverno e os tempos difíceis.

Sergei era um cigano forte e decidido. Príncipe da raça, possuía o mesmo rigor de seus antepassados na liderança de seu povo. Sua palavra era lei. Seu clã contava com mais de cem componentes, e ele exercia a função de chefe, juiz e autoridade suprema. Era muito respeitado por seu povo e tido como homem astuto e capaz. Alguns o consideravam sábio. Sabia ler, e isso exercia incrível fascínio em seus subalternos. Cantava bem como poucos e tocava a guitarra como ninguém antes o soubera fazer. Dançava com leveza e elegância, apesar de seus cinqüenta anos, e ninguém se atrevera jamais a desobedecer-lhe uma determinação. Era tido por homem justo e sem protecionismo a qualquer deles. Cuidava zelosamente dos interesses do grupo. Talvez por isso eles fossem menos belicosos entre si, e embora se tratassem grosseiramente por serem homens rudes, estimulavam-se e convíviam pacificamente.

Suas brigas tinham o sabor de uma disputa esportiva, eram assistidas e festejadas pelo bando todo, que tinha suas preferências, cada um torcia por seu favorito. Mas muitos problemas da vida comunitária deles eram resolvidos assim no murro e na lei do mais forte, de frente e sem favoritismo. Quando alguém incorria em falta que se reputava grave, muitas vezes Sergei reunia os chefes de família, os mais velhos, e faziam um verdadeiro julgamento do culpado, sendo-lhe aplicada a pena que deliberavam necessária.

Durante a chefia de Sergei, tinham aplicado apenas duas penas de morte, e isso em trinta anos de autoridade. Isso representava nada em uma época em que se matava com muita facilidade, principalmente nas cortes e no mundo tido por civilizado.

Foram casos de traição violenta, e embora tivessem sido executados os dois ciganos, suas famílias não foram responsabilizadas e continuaram vivendo na comunidade e ninguém jamais mencionou sua vergonha nem se referiu aos dois traidores. Ordens de Sergei.

Mas nem sempre o grupo era tão pacato. Ficavam furiosos e perigosos quando alguém ameaçava a segurança do grupo ou feria um de seus membros. Eram muito unidos. A vingança de um era de todos. O sofrimento de um era de

todos. Embora levassem vida livre, misturando-se ao povo e dele arrancando seus meios de subsistência, intimamente não gostavam de conviver com eles.

Votavam aos homens de outras raças um desprezo enorme que levantava grandes barreiras e preconceitos. Na verdade, para sermos justos, tinham seus motivos. Olhados como seres inferiores, raros se aproximavam para entreter laços de amizade sincera. Suas mulheres, preparadas desde a infância para exercerem a arte de agradar, dançando, mascateando tachos de cobre, lendo a "*buena dicha*", eram motivo de grande atração para os homens de todas as classes. E muitos havia querendo corrompê-las ou usá-las ao capricho de suas paixões sórdidas. Muitos deles perderam a vida por isso. Apareciam mortos em locais ermos e se supunha que houvessem sido vítimas de assaltantes, coisa muito comum naqueles tempos.

Contudo, eram afáveis com todos, desde que não transpusessem o limiar de seus preconceitos ou de sua intimidade. Não admitiam casamentos com homens de outra raça. Nos poucos casos que houvera, as ciganas tinham fugido e nunca mais voltado. Eram tidas por mortas e o caso encerrado. Nunca mais poderiam voltar ao clã. Uma a uma as carroças em fila indiana se puseram a caminho ganhando a estrada. Alguns cantavam, outros tocavam e o cortejo seguia tranqüilamente.

Dois homens de confiança iam à frente, ao lado da carroça de Sergei, que puxava a caravana.

Esmeralda, sentada na boléia, tagarelava alegre. A seu lado, conduzindo as rédeas, o cigano cujo chicote castigara a impaciência de Carlos.

— Tu o feriste?

— Um pouco na mão. Ia perturbar teu sono. Fiz mal?

— Por certo que não. Fazia tempo que tinha chegado?

— Logo que clareou o dia. Fiquei de olho. Não tirava os olhos de tua porta.

— Não falou com ninguém?

— Só com Zilma. Mas ela o mandou esperar. Parecia impaciente. Gostas dele? Esmeralda deu de ombros.

— É um belo homem. Pode ser que ainda esteja com ele algumas vezes.

— Cuidado. Pareceu-me arrogante e impetuoso.

— Sei cuidar deles muito bem. Não queiras agora dar-me conselhos. O outro riu gostosamente.

— Nunca precisaste deles. És livre como um pássaro.

— É. Não gosto de nada que me aprisione. Posso gostar, mas amar, nunca!

O cigano riu e pilheriou:

— Cuidado, que podes cair.

— Não, jamais. Esmeralda vai viver! Vai arrancar tudo da vida, mas vai ser protegida

sempre. Amar, nunca!

— Ele me pareceu de linhagem. É nobre?

— Diz que não. Mas não acredito. Se é rico, não sei. Tem mãos finas e a pele delicada. É homem de trato. Uma coisa posso afirmar: nunca trabalhou.

— Então só pode ser gentil-homem.

— É. Quanto a ser rico, não sei, mas descobrirei. Ele me agrada por agora.

Se tiver

dinheiro, será ainda melhor.

O cigano de repente tornou-se sério.

— Deixa-o de lado.

— Por quê? Nunca te intrometeste em minha vida!

— Sou teu amigo, amo-te como filha. Quando ficaste órfã, eu te aceitei como se fosse teu pai.

— Sim. Eu te amo mais que a um pai, embora sejas ainda moço. Mas nunca me pediste nada assim antes. Por que agora?

O cigano abanou a cabeça indeciso:

— Não sei, Esmeralda. Alguma coisa me diz que deves deixá-lo em paz. Há tantos moços ricos e belos que seriam felizes por verem teu sorriso.

Esmeralda riu sonoramente.

— Estás falando como um velho pai. És muito supersticioso. Acho... As carroças pararam uma após a outra e Miro puxou as rédeas.

— Por que paramos?

Um dos cavaleiros percorria as carroças avisando:

— Dois homens no chão. Quase mortos. Foram assaltados.

Miro desceu rápido e Esmeralda foi atrás. Chegou ao local onde já um grupo cercava os dois infelizes. Sergei curvado sobre um deles ajuntou:

— Está mal. Se o deixarmos, morre; se o levarmos, não sei se agüenta a viagem. O que acham?

Esmeralda aproximou-se abrindo caminho.

— Sergei. Quero cuidar desse moço. Devemos levá-lo.

— Acaso o conheces?

— Sim. É um moço gentil e alegre que conheci nas festas.

— Achas que podes ajudá-lo?

— Acho. Se me autorizas, agradeço muito.

Falava com doçura e sinceridade. Nem parecia a mesma de momentos antes.

— Está bem. Como queiras. Os ladrões levaram tudo. Levem-no à carroça de Esmeralda.

O outro não está tão ruim, Zilma cuida dele.

Em poucos minutos colocaram Carlos nas almofadas coloridas da cigana. Ela tinha alguma água e começou logo a limpar-lhe o ferimento da testa enquanto o moço gemia, apesar de desacordado.

Miro, conduzindo a carroça, ia absorto nos próprios pensamentos. A uma ordem de Sergei, as carroças puseram-se a caminho.

Na carroça, Esmeralda limpava os ferimentos e, percebendo que o moço gemia, derramou-lhe nos lábios uma bebida forte. Em seguida, com cuidado, tirou-lhe a roupa empoeirada e salpicada de sangue, vestindo-o com algumas peças de Miro que estavam ali.

Tinha grande estima pelo cigano, e sua carroça era como uma continuidade da dele. A cigana olhou bem o jovem e arrepiou-se toda. Rápida, correu as cortinas que protegiam a boléia e sentou-se ao lado de Miro.

— Miro, precisas olhar para ele.

— Por quê?

— Acho que tem espíritos morando com ele.

— Acha que tem feitiço?

— Não sei. Talvez não. Mas ele não está sozinho lá dentro. Tem alguém com ele. Miro não se perturbou.

— Acho que tem mesmo. Caiu em poder dos ladrões.

— Achas que foi por isso?

— Acho. Os espíritos do mal prepararam as ciladas, já que eles não têm corpo para atacar alguém. Se estivesse bem guardado, não teria acontecido.

— Tens poderes. Podes dar um jeito. Se não expulsares os maus espíritos, ele pode morrer.

— Isso faria Esmeralda triste? Ela deu de ombros.

— Acho que sim. Ele é muito moço e alegre. Cheio de vida para morrer.

Depois, sabes que

não gosto de perder.

— Às vezes é perdendo que se ganha — concluiu Miro, pensativo.

— Não gostas dele?

— Não se trata disso. Deixemos de lado o mau agouro, o que tem que ser tem força.

Ninguém pode vencer o destino. Se te sentes feliz, posso afirmar que ele vai ficar bom. Não

precisas temer.

— Vais vê-lo?

— Sim. Podes tomar as rédeas e deixar comigo.

Esmeralda assumiu a direção e Miro entrou na carroça. Olhou a fisionomia inchada do

moço e seus olhos anuviaram-se. Mas apesar do que sentia, aproximou-se de Carlos colocando

uma das mãos em sua testa.

Sua fisionomia enrijeceu e ligeiro tremor o sacudiu.

— Eu te ordeno que o abandones — tornou o cigano com firmeza.

Carlos estremeceu e contorceu-se como se estivesse sofrendo um ataque.  
Tentava, mesmo  
inconsciente, libertar-se da mão do cigano, que por sua vez parecia pregada em sua testa.

— Eu te ordeno que deixes o moço — tornou ele enérgico. Carlos empalideceu,

estremeceu mais violentamente e depois ficou imóvel.

— Graças dou a nosso Deus.

Em seguida, benzeu o corpo do jovem murmurando palavras estranhas.

Depois tirou uma

corrente do próprio pescoço e a colocou no pescoço de Carlos. Feito isso, observou satisfeito

que o moço dormia tranqüilo. Tornou à boléia.

— E então? — quis saber Esmeralda. — Como está ele?

— Já te disse que ficará bom. Tinhas razão. Estava possuído. Agora está livre.

Vamos ver

até quando.

— Ele tem o corpo aberto?

— Tem. Se não se prevenir, pode entrar outro. Esmeralda sorriu:

— Eles pensam que sabem tudo e não crêem nos espíritos. Acham que nós

somos

ignorantes só porque não vivemos como eles. Mas quando estão mal, vêm buscar nossa ajuda. A

muitos desses empafitados prestaste serviços. Se quisesses, podias ganhar fortuna.

Miro sorriu tranqüilo.

— Tenho o que preciso e vivo muito bem. Se carregasse muito dinheiro, talvez os

assaltantes me matassem em qualquer esquina.

— Nem parecez cigano. Se não te conhecesse, duvidaria de ti.

— Porque não quero arrancar dinheiro dos outros?

— Sabes que, se eles pudessem, arrancavam não só nosso dinheiro, mas até nossa vida. Os

homens não toleram os de nossa raça. Têm medo de nós e é por isso que nos respeitam. Pois eu,

enquanto puder, hei de arrancar-lhes tudo que tiver chance.

— Apesar disso, não tens muito mais do que eu. Não és rica. Ela deu de ombros.

— Ainda. Mas vou ser. Quero ser feliz! Miro olhou-a com benevolência.

— Isso, Esmeralda. Aproveita enquanto podes. Ser feliz é bom. Ela sorriu deliciada e

confiante e não viu o travo de amargura nas palavras do, cigano.

Chegaram a Madri ao entardecer. Já tinham o local onde costumavam acampar e assim que

o encontraram foram instalando-se, de preferência perto de um riacho que cortava o bosque.

Enquanto as mulheres cuidavam das roupas e dos utensílios, os homens faziam o fogo e cuidavam da carne.

Durante o trajeto tinham parado para negociar com pequenos comerciantes e adquirir

gêneros e carne em troca de suas panelas e tachos, canecas e colares que fabricavam durante os meses de inverno.

Era fora de dúvida que valorizavam ao máximo cada peça, conseguindo preços muito além

de seu real valor. Durante os meses de inverno montavam acampamento em Toledo e lá

compunham seu trabalho artesanal e quando chegava a primavera já se organizavam para sair

pelas cidades, acompanhando as festas tradicionais e tornando-as mais pitorescas.

É claro que só se desfaziam de suas peças quando não tinham outros recursos, porque

geralmente as mulheres, as ledoras de "*buena dicha*", os músicos, as danças, tudo lhes rendia

dinheiro e gêneros, que eles arrepanhavam com presteza. Alguns também surrupiavam o que podiam, com astúcia e ligeireza.

Viviam assim na fartura, dentro das limitações de povo nômade. Cobriam-se de jóias, de

preferência ouro e prata, alguns mais caprichosos incrustando enfeites na madeira de suas

carroças e nos arreios dos animais. Por isso, o movimentar dos ciganos, dos animais e de suas

carroças era sempre acompanhado de muito ruído, do tilintar dos metais, das correntes e das

esporas. Adoravam esporas e alguns havia que as colecionavam com orgulho e capricho.

Depois de instalados, Esmeralda foi ver Carlos. O moço acordara, mas, ainda meio

atordoado e vencido pela fraqueza, tinha dormido novamente. Seu rosto

desinchara, mas sua

fisionomia parecia pior. Estava pálido e com várias manchas arroxeadas, os lábios intumescidos e rachados. Perdera muito sangue.

A cigana tentou fazê-lo ingerir um pouco de caldo que pedira a Zilma, quando, assustado e

aflito, Inácio apareceu na carroça. Esmeralda olhou-o com um brilho alegre nos olhos.

— Podes entrar.

Inácio aproximou-se lívido.

— Ele está mal. Precisamos de um médico. Achas que posso levá-lo?

Esmeralda sacudiu a cabeça.

— Não podes ainda. Melhor é descansar. Não precisa de médico. Miro cuidou dele. Não

vai morrer.

— Como sabes? — indagou Inácio assustado.

— Miro sabe mais que médico. Se disse que ele vai sarar, é porque vai. Não precisas ficar

com medo. Teu patrão não vai morrer — arriscou ela, astuta.

Inácio pareceu aliviado.

— Pobre moço! — suspirou a cigana com fingida tristeza. — Tão belo e tão rico, ser

maltratado assim.

Inácio, sem perceber o jogo dela, tornou convicto:

— Nem diga! Se D. Fernando souber, me mata!

— Levaram muitos haveres?

— Claro — respondeu Inácio, animado pela súbita atenção da cigana. —

Tinha até jóias

para a família de D. Hernandez em Madri. Sacos de ouro. Levaram tudo, Deus meu! E quase nos

mataram. Se D. Carlos me tivesse ouvido, não se teria metido nessa estrada no escuro da noite.

— Podes ir agora que eu tomo conta dele. Vai, Zilma te dará o que comer.

— Tens certeza de que ele vai sarar?

— Tenho — ajuntou Esmeralda, e continuou com ar misterioso: — Miro é mago. Se ele

disse que D. Carlos vai sarar, é porque vai. Podes acreditar.

Inácio pareceu menos aflito. O ar alegre e descontraído da moça, sua beleza, sua atenção

para com ele, seus cuidados para com seu patrão o tranquilizaram em parte.

Mas não via a hora

de poder deixar aquele lugar estranho e aquela gente perigosa. Só se sentiria seguro quando

voltassem para casa.

A azáfama no acampamento era grande. Água para os animais, lavar roupas no rio, panelas,

e banhar-se. Eles podiam viajar vários dias sem se preocupar com a higiene, mas quando paravam

perto de um rio, principalmente no verão, não resistiam ao prazer do banho.

Os homens eram terrivelmente ciumentos de suas mulheres e por isso convencionavam um

lugar mais discreto para elas, onde nenhum cigano pudesse chegar, ao passo que eles podiam

utilizar-se do rio à vontade.

Na verdade, muitos havia que não apreciavam o banho. Mas Sergei, com sua autoridade, os

obrigava, alegando que o mau cheiro incomodava a comunidade. Alguns havia que eram a

contragosto atirados na água, com roupa e tudo, a fim de se lavarem.

Esmeralda, contudo, adorava o banho. Para ela era verdadeiro ritual, onde permanecia

horas inteiras, deliciando-se com a água. Mas ninguém no acampamento se atrevia a espia-la.

Sergei era enérgico e justo. Não tolerava a menor desobediência.

Assim, depois que acamparam, enquanto Miro cuidava dos cavalos, Esmeralda procurou

um lugar sossegado e tranquilo, despiu-se e atirou-se no rio. Levava um sabão de banho que

trocara por uma pulseira em Valença e carregara amarrado em um cordão em volta do pescoço.

Depois do mergulho, sentou-se na margem e o esfregou pelo corpo todo, inclusive nos

cabelos. Depois, atirou-se novamente à água, onde nadou com prazer, deliciando-se com o aroma

particularmente perfumado das flores das margens e com o alegre cantar dos pássaros.

Uma hora depois, a cigana deixou o rio, descansada e feliz, vestiu-se e secou os cabelos,

deixando o sol quente da tarde bater em seu rosto.

Estava com fome. Esmeralda não gostava de cozinhar. Quase sempre, servia-se da comida

dos companheiros, que a mimavam oferecendo-lhe as coisas das quais gostava. Esmeralda era muito querida pelos ciganos. Orgulhosa e bela, voluntariosa e ativa, astuciosa e inteligente, era bem um símbolo da raça que os homens admiravam e que as mulheres gostariam de ser. Órfã, era filha de todos. Sergei a estimava como filha. Ninguém dançava e cantava tão bem quanto ela.

Os homens morriam por ela e os ciganos tinham muito trabalho para protegê-la. Até

tentativa de rapto já tinha sofrido. Porém ninguém a dominava. Livre e voluntariosa, tirava dos

homens o que podia, sem importar-se com eles quando não mais estivesse com vontade de vê-los.

Fora ameaçada de morte várias vezes por amantes desprezados, mas todo o bando a

protegia, principalmente Miro, que jamais a deixava.

Sempre que Esmeralda saía ou tinha contato com o povo, Miro ficava por perto. Quando

ela dormia, vigiava seu sono. Às vezes chegava ao exagero, a ponto de os companheiros

çaçoarem dele. Mas Miro não se importava. Havia em seu olhar determinação e um certo receio

que procurava não demonstrar.

Esmeralda, andando de fogueira em fogueira, comeu carne, milho, bebeu chá. Depois,

pegando com Zilma uma tigela de caldo, subiu na carroça.

Carlos, ouvindo-a entrar, abriu os olhos:

— É verdade! És tu! — murmurou enlevado.

— Sou. Agora beba. Estiveste mal, mas vais ficar bom. Esmeralda cuidou de ti.

Ele sorveu o caldo com prazer. Seu rosto cobriu-se de leve suor.

— Estás enfraquecido. Perdeste muito sangue.

— O que aconteceu? — indagou ele.

— Foste assaltado. Roubaram-te tudo quanto levavas.

— Lembro-me deles surgindo de repente. Lutamos e desfaleci.

— Passamos pela estrada onde estavas semimorto e te recolhemos.

— E Inácio?

— Está muito bem. Carlos suspirou aliviado.

— Onde estamos?

— Em Madri. Não fales muito, que estás fraco.

— Contigo aqui sinto-me muito bem. Ansiava por este momento, estar a teu lado tem sido meu maior desejo.

— Não parecia. Deixaste o acampamento sem te importares comigo. Ele tomou-lhe o

pulso, segurando-a com força.

— Sabes que não é verdade. Vim a teu encontro conforme o combinado, mas tu fingiste

nem me conhecer. Pensei que não quisesses estar comigo.

Ela riu provocante.

— Não te emociones, ainda estás fraco.

— Esta é tua carroça?

— É.

— Estive aqui todo o tempo? Dormiste aqui?

— Sim... a teu lado. Não te deixei um só momento. Ele suspirou contente:

— E eu dormindo. Como pude?

— Deliravas.

— Vem mais perto, dá-me um beijo.

A cigana curvou-se sobre ele, beijando-lhe delicadamente os lábios ressequidos. Os braços

de Carlos envolveram Esmeralda apertando-a de encontro ao peito.

— Esmeralda! Deste-me a vida! Renasci para ti. Serás minha, viverei para ti.

Ela deixou-se ficar ali, abraçada, ouvindo as palavras loucas e amorosas que Carlos lhe

sussurrava aos ouvidos. Naquele momento, estava submissa e tranqüila, como uma gatinha no colo do dono.

Nos dias que se seguiram, Carlos foi melhorando rapidamente. A presença de Esmeralda

era como um néctar que o chamava para a força da vida. Entretanto, as festas na cidade tiveram

início e Carlos desesperado tentou dissuadir a cigana a participar. Seu amor por ela era imenso e

exigia-lhe a presença todos os minutos. Juntos, na carroça dela, entregavam-se ao amor sem que

ninguém do bando interferisse. Eram plenamente livres.

Mas a cigana explicou a Carlos que precisava trabalhar na festa. Sua presença era

indispensável para o bando. Carlos tentou inutilmente dissuadi-la. Esmeralda tornou-se fria e

indiferente.

— Carlos, vou dançar com os meus. Sem Esmeralda não tem festa.

Esmeralda é livre. Não

podes obrigar Esmeralda a nada. É bom que saibas. Se queres perder-me, tenta segurar-me.

Ninguém diz o que Esmeralda deve fazer.

— Então não me amas. Vais dançar para outros homens, e eu não vou deixar. És minha.

Se outro homem olhar para ti, eu mato.

Irritado, Carlos levantou-se segurando-a pelos ombros. Apesar de fraco, suas mãos

pareciam de ferro.

— Não gosto de homem ciumento. Se me atormentas, te deixo. Esmeralda é livre e é

preciso que saibas. Vou dançar com os meus na festa hoje à noite. Se tentas me impedir, terás que

te haver com nossos homens.

Carlos recordou-se do chicote de Miro. Sabia que Esmeralda não estava brincando. Por

outro lado, não tolerava ficar ali, ainda enfraquecido enquanto ela se exibia, toda tentação e

beleza, aos outros homens.

Seus olhos expeliam chispas. Aproximou-se dela, abraçando-a com violência.

— Esmeralda! És minha! Se não posso obrigar-te pela força, fraco e indefeso, nem

enfrentar a ira dos teus, posso dobrar-te com a força de meu amor. Sentirás o fogo que me

consume, estarei tão dentro de ti como estás em mim, que nunca mais desejarás outros homens,

nem poderás arrancar-me de teu coração. Verás como sei amar. Sei que me pertences, desde que

te encontrei. Não me poderás esquecer. Verás.

Começou a beijá-la com doçura e ao mesmo tempo arrebatamento. A cigana, tensa, fria,

toda concentrada na defesa de sua liberdade, sentiu-se estremecer. As palavras ardentes de Carlos

penetravam-lhe o íntimo vibrantes e fortes. Esmeralda lutava resistindo, procurando repeli-lo,

mas os braços de Carlos pareciam de ferro e fogo queimando-lhe o corpo e um calor brando e

irresistível banhou o coração de Esmeralda, derrubando o muro de sua

resistência. Suas idéias se

perderam nos beijos de Carlos, e suas emoções como uma avalanche irreprimível desabaram

sobre seu ser e Esmeralda, pela primeira vez em sua vida, perdeu o domínio da situação,

entregou-se deslumbrada e sem pensar ao enlevo daquele instante.

Durante algumas horas, emocionados e trocando carícias, não conseguiram falar. Depois,

deitados nas almofadas coloridas da carroça dela, Esmeralda, rosto encostado no peito moreno

de Carlos, tornou submissa:

— Carlos. Estar contigo é festa para Esmeralda. Se me amares sempre assim, fico contigo.

Carlos olhou-a nos olhos sem poder falar. Jamais sentira tanta emoção por mulher alguma.

Parecia-lhe vibrar a cada momento, só com a proximidade dela. Olhou-a nos olhos, querendo

devassar-lhe o íntimo:

— Esmeralda — disse num sussurro —, nenhuma mulher me fez sentir tanto amor. Digo-

te que nenhum outro homem poderá dar-te o que te dei. Somos um do outro, concordas?

Um lampejo de luta perpassou pelos olhos da cigana. Ela fechou os olhos, sentiu o calor de

seus beijos, suas carícias, sua força e cedeu. Por agora deixaria de lutar.

Queria estar com ele.

Desejava isso com todas as forças de sua alma voluntariosa e livre.

— Enquanto morares dentro de mim com essa força, estarei contigo. E os dois

permaneceram abraçados, corações batendo descompassados frente à violência do sentimento

impetuoso e forte que brotara neles.

No acampamento, o movimento era grande. Os ciganos que iam à cidade participar das

festas de rua aprontavam-se com suas roupas mais bonitas e seus adereços mais brilhantes.

Duas carroças especialmente preparadas, cobertas de panos coloridos, com sua mercadoria

pendurada para vender. As mulheres, alegres e falantes; e os homens, com seus cavalos enfeitados

e bem cuidados.

Levavam guitarras e pandeiros, e algumas pinhas secas e preparadas,  
pintadas com arte, que  
eles batiam umas nas outras no compasso do ritmo. Esse era um instrumento  
antigo que eles

conservavam por tradição e sabiam preparar muito bem, ao qual davam o  
nome de "*cascuri*" ou

"*cascurra*", como vulgarmente era conhecida entre eles.

Miro estava pronto, com uma túnica bordada e as botas luzindo. Porém havia  
em seu olhar

um brilho triste. Seus olhos não conseguiam distanciar-se da carroça de  
Esmeralda, que silenciosa  
parecia estar vazia.

Entre os ciganos havia um tácito acordo de liberdade. Ninguém obrigava  
ninguém a nada,

porém certos deveres da raça eram exigidos.

Ganhar a vida, para eles, era dever. Assim como cuidar dos doentes e  
incapacitados pela

idade, com carinho e dedicação.

Estavam diante de uma novidade. Esmeralda jamais se esquivara da  
participação no

trabalho do bando. Era um ponto forte de atração. Fosse qual fosse a situação,  
a cigana sempre

participara com entusiasmo e alegria.

Sergei passou uma vista de olhos no grupo preparado para sair.

— E Esmeralda? — perguntou a Miro.

— Não saiu ainda — respondeu ele procurando aparentar naturalidade.

— Temos que ir. Vá saber o que há.

A passos lentos, Miro aproximou-se da cortina, chamando-a.

— Esmeralda!

Sua voz era tímida. Não gostava de perturbá-la quando ela não desejava. O  
rosto corado da

cigana apareceu entre os panos coloridos.

— Miro — tornou baixinho —, diz a Sergei que não estou bem para trabalhar  
hoje. Sinto

náuseas e arrepios.

— Esmeralda! — exclamou o cigano com voz triste. — Cuidado! Não  
entregues teu

coração assim. Não te deixes dominar! Tu és livre!

Ela riu despreocupada:

— Não te preocupes. Não tem perigo. Hoje não quero ir, é só. Amanhã será  
outro dia.

Miro saiu procurando espantar os pensamentos sombrios que lhe ocorriam e dentro em

pouco o bando alegre e barulhento se afastava rumo à cidade.

Na carroça, Carlos, extasiado, não se cansava de cortejar a cigana, que, sem se dar conta,

mais e mais se enlaçava nas chamas daquele sentimento de amor.

Nos dias que se seguiram, o falatório e o descontentamento se alastraram pelo

acampamento. Esmeralda, a flor da raça, a dançarina principal, o "mito" do grupo, se recusava a

trabalhar.

Não se importavam com sua vida amorosa, porém o trabalho era sagrado. A contribuição

dos mais dotados era exigida como dever à comunidade.

Carlos exigia, Esmeralda se entregava às emoções novas e alguns passaram a hostilizá-la.

Esmeralda procurou Sergei em sua carroça.

— Sergei, Esmeralda precisa falar.

— Entra, Esmeralda. Também quero falar contigo. Faz muito tempo que não conversamos.

— És como meu pai. És chefe de nosso povo. Esmeralda sofre, precisa tua ajuda.

— O que aconteceu com Esmeralda?

— Sergei. Estou amando! Amo com todas as minhas forças. Vivo e respiro com ele. Nunca

passei isso antes! Podes me entender?

— Ele não é um dos nossos. Não te fará feliz!

— Por que dizes isso? Achas que não posso prendê-lo para sempre a meu lado?

Sergei a olhou com firmeza:

— Acho. Hoje ele está aqui, contente e bem-disposto. Mas, um dia, sentirá a força do

sangue, quererá regressar aos seus. É nobre de estirpe. O que farás, então?

Pretendes impedi-lo?

Queres nos abandonar? Eles te aceitarão? Serás feliz, presa em um castelo sombrio, sem ver as

bezas do céu ou viajar por nossos bosques?

O rosto de Esmeralda sombreou-se de tristeza, porém esforçou-se por afastar esses

pensamentos. Sorriu e ajuntou confiante:

— Sergei, Carlos ama Esmeralda com muita força. Não vai embora. Quem

sabe um dia

aprenda a ser um dos nossos. Quero que apoves nossa vida. És nosso chefe.

— Como chefe, tenho o dever de prevenir-te. Ser cigano é carregar toda a força de nossa

raça no sangue. Ele não é dos nossos. Se quiser ficar para sempre, podemos ensinar-lhe nossos

costumes, porém ele será feliz vivendo como nós? Pretendes aprisioná-lo fora dos seus por toda

a vida?

— Ele gosta daqui. É feliz ao meu lado. Os pais são severos e duros e Carlos ama a

liberdade, a dança, o sol, a música. Será feliz aqui. Dançarei e ele estará também junto

trabalhando pelos nossos nas festas. Se deres tua aprovação e teu consentimento, ficaremos

felizes aqui, e tudo estará bem.

Sergei olhou-a bem nos olhos.

— É o que queres?

— É. Hoje eu o quero. Amanhã, não sei. Mas é a primeira vez que quero um homem

assim. Não posso perdê-lo. Tu me compreendes?

A voz da cigana era doce e suave.

— Se eu o perder agora, nunca mais poderei dançar, nem cantar, nem ser feliz.

— Tu o amas tanto?

— Amo. Acho que amo.

— Pois seja, Esmeralda. Amo-te muito. Quero que sejas feliz enquanto podes. Vive tua

vida com ele. Falarei a nosso povo para que o aceite. Porém peço-te que participes do grupo, que

dances para o povo, mesmo que vivas para teu amor. Eles sentem muito tua falta e não gostam

de trabalhar sozinhos. Acham que não foram muito felizes nesses dias porque não foste com eles.

Precisas compreender.

— Querem obrigar-me?

— Não é por isso. Eles sentem tua falta e mostram-se enciumados do amor que sentes por

Carlos. Se queres que eles o aceitem, trata de fazer as pazes com eles, afinal tens o dever de

trabalhar com o grupo. Sabes bem que isto é verdade. Nunca te obriguei a

nada, apesar de teu

chefe e senhor, mas sabes que tenho razão.

Sergei falava com calma e delicadeza. Esmeralda sentia por ele respeito e acatamento. O

apoio que lhe dera, compreendendo seus sentimentos, a deixava grata e solícita.

— Tens razão — concordou —, vou voltar ao trabalho. Não posso ficar parada para

sempre. Esmeralda cumpre seu dever. Carlos tem que pensar como um dos nossos.

— Isso, minha filha. Se fizeres isso, certamente ele será aceito por todos. Eles te amam.

Não querem perder-te. Sabes como adoram ver-te dançar e cantar. Não podes tirar-lhes esse

prazer.

— Vou trabalhar, prometo. E te agradeço a bondade. És mesmo como um pai.

Beijou a mão do cigano, que procurou esconder um brilho emotivo no olhar. Sergei tivera

mulheres, mas vivia só. Tinha um filho de quinze anos que procurava educar dentro dos padrões

puros da raça e que era seu orgulho. Esmeralda tocava-lhe o coração de forma especial.

Amara profundamente sua mãe, Tânia, a linda cigana que um dia saíra do acampamento

apaixonada, em companhia de um jovem nobre e belo. Sergei sofrera rude golpe com a fuga da

cigana e, durante vários dias, fechou-se em sua carroça desesperado, bebendo sem parar. Porém

Tânia se fora, feliz e descuidada.

Cinco anos depois, foram encontrá-la no sul da Itália, sombra do que fora, doente e com a

filha nos braços. Apareceu no acampamento ardendo em febre e desesperada.

— Sergei, peço-te perdão. Se podes perdoar-me, não me escorraças. Sei que não mereço,

mas sofri muito. Os outros não aceitam nossa raça e fui desprezada e infeliz. Não voltei de

vergonha. Mas agora estou doente e peço-te que aceites minha filha. Em suas veias corre nosso

sangue! É cigana! Não tem lugar para ela no mundo. Só entre os nossos será

feliz. Ah! Como me

arrependo do que fiz...

Um acesso de tosse a acometeu, e o sangue colorindo sua boca mostrou a  
Sergei seu

estado. Apesar de ter acariciado a vingança, de ter odiado, sofrido, chorado,  
Sergei não pôde ficar

insensível à transformação daquela mulher. O espetáculo de sua desgraça  
feriu-lhe o coração e

recordando a beleza daquele rosto que amara tanto, o sorriso alegre e  
contagiante, a frescura

daquela pele morena e bela, sentiu forte emoção. O amor que sempre sentira  
ressurgiu sofrido e

forte. Ela voltara! Sofrida e triste. Quem sabe haveria tempo para salvá-la?  
Quem sabe poderia

fazê-la reviver? Agora era experiente, quem sabe ela o pudesse amar?

Olhou-a curvada, com a criança nos braços e um pano comprimindo a boca  
contraída.

— Tânia! Eu te perdôo. Não vais mais sofrer. Eu ainda te amo! Lágrimas  
grossas corriam

pelas faces dela.

— Como fui injusta contigo! Não mereço teu perdão! Mas posso dizer-te que,  
quando a

ilusão passou, teu rosto não saía de minha frente. Sei o que vales. Como és  
bom e justo. Por isso

quis ver-te antes de morrer. Apesar de tudo, quero confiar-te minha filha. Ela  
não tem culpa de

nada. Quero que a eduques como os nossos para que ela seja feliz como eu  
era e poderia ter sido

até hoje. Toma-a, é tua.

Sergei segurou a criança nos braços com emoção.

— Vê como é linda. Esmeralda tem três meses. Peço-te que a adotes.

Preciso ir-me

embora, não quero que ela apanhe minha doença!

Sergei, assustado, colocou a criança adormecida sobre o leito e segurou Tânia  
apertando-a

nos braços. Em sua voz havia dor e angústia.

— Tânia, não te deixarei ir. Se voltaste, não te quero perder mais. Se te  
arrependes de teres

partido, fica. Teu lugar é aqui, entre os de teu povo, que te ama e que nunca te  
esqueceu!

Tânia soluçava.

— Não posso. Fui ingrata, não mereço. Sergei, estou muito doente. Vou morrer! Não

quero contaminar ninguém. Deixa-me morrer como mereço.

— Não posso, Tânia. Quero que vivas. Vamos curar-te. Seremos felizes. Ainda criarás tua

filha, que será nossa. Eu te amo, Tânia, com desespero. Não quero que morras.

— A felicidade não é para mim, Sergei. Não soube apreciá-la. Agora é tarde.

Sergei não quis ouvir. Entregou Esmeralda aos cuidados de Zilma e instalou Tânia em sua

carroça, cuidando abnegadamente de sua saúde. Entretanto, a doença da cigana se adiantara

muito e um mês depois Tânia veio a falecer. Mas os cuidados, o carinho, a dedicação do cigano

estabeleceram no coração sofrido de Tânia um amor profundo, intenso, que ela procurou

expressar de todas as formas e que deu a ele uma gratificação profunda.

Esmeralda lembrava muito a figura da mãe. Sergei amava-a como filha.

Vendo-a envolver-

se tal como Tânia nas tramas de um amor perigoso, sofria e preocupava-se por ela. Contudo, não

queria ser intolerante como fora com Tânia, que por isso fugira do acampamento. Queria

proteger Esmeralda. Acreditava que, não sendo contrariada e podendo dar expansão a seus

sentimentos, acabaria por compreender as diferenças da raça e, quando o ímpeto da paixão

serenasse, acabaria por desinteressar-se do jovem aristocrata.

Conhecia bem a cigana, sabia-a exigente e indócil. Não toleraria durante muito tempo o

domínio de Carlos. Era livre como o vento. Nunca suportara nenhuma cadeia que não fosse a

que seus sentimentos estabelecessem.

O melhor mesmo era apoiar-lhe as resoluções para que ela se sentisse segura do afeto dos

seus no acampamento. Só assim poderia evitar que ela, tal como Tânia, saísse rumo a uma vida

tão diferente da sua e que lhe fecharia todas as portas.

Suspirou fundo e mais uma vez a imagem delicada de Tânia passou-lhe pela mente saudosa.

— Ah! Se estivesses comigo! Como eu seria feliz!

Um arrepio inesperado percorreu-lhe o corpo ao mesmo tempo que profunda emoção lhe

sacudiu o espírito. Teve a nítida impressão de ver um vulto envolto por uma luz suave deslizar

em sua direção. Assustou-se.

Tânia! Tânia! Parecia-lhe sentir sua presença. Estaria delirando? Teria seu desejo imenso de

tê-la perto chamado seu espírito? Súbito receio o envolveu. Teria ela vindo como um agouro?

Estaria para acontecer alguma desgraça? A tradição de sua raça rezava que os espíritos dos

mortos só apareciam para avisar das desgraças ou para orientar os destinos do grupo quando

houvesse necessidade urgente de mudar de rumo. Qual dos dois motivos teria trazido Tânia até

ali?

Aterrado, o cigano ajoelhou-se, murmurando:

— Tânia, Tânia. Sinto que estás aqui. Por que vieste? O que queres? Aragem suave

envolveu o espírito ansioso de Sergei e aos poucos ele foi se acalmando e o receio desvaneceu.

Nada mais viu ou sentiu, talvez tudo tivesse sido fruto de sua mente apaixonada e ardente.

Levantou-se. Estava mais calmo e sereno. Fosse o que fosse, procuraria fazer o melhor. Sua

vida era dedicada ao bando e ao filho. Deus faria o resto.

Esmeralda chegou na carroça pensativa. Precisava ter uma conversa séria com Carlos. Tudo

quanto Sergei dissera tinha calado fundo no coração da cigana. Sabia da infelicidade de sua mãe.

Não pretendia ser como ela. Além disso, adorava seu povo, sua vida, sua liberdade. Jamais

poderia viver encerrada em um castelo enquanto o marido se consumia em viagens e em lutas a

serviços de causas sem importância, até que a velhice o impedisse de combater ou a morte o

impedisse de envelhecer. Essa era a vida triste das damas e dos nobres.

Esmeralda detestava essas

coisas. Queria amar, cantar, rir, dançar, viver a vida livremente, sem peias nem proibições.

Carlos, sentado em um tosco banco de madeira, olhava o céu azul por entre

as copas das

árvores que a brisa levemente balançava. Aquela vida era boa, pensava, mas um pouco sem

objetivos nem segurança. Não fosse pela presença fascinante da cigana, não teria se demorado

tanto por ali. Sabia que precisava partir, mas ao mesmo tempo não queria deixar Esmeralda.

Sentia pela cigana uma atração irresistível, e por mais que ponderasse voltar para casa, bastava

Esmeralda aparecer para que ele se esquecesse de tudo.

— Em que pensas? — indagou a cigana de chofre, arrancando-o da meditação.

— Em ti — respondeu Carlos sem pestanejar.

— Mentiroso. Tinhas o olhar perdido na distância e eu estou aqui bem perto.

Ela sentou-se a seu lado graciosa.

— É verdade. Pensava em ti. O quanto te amo.

— Carlos, preciso falar-te seriamente.

Ele a olhou preocupado. Sentia a animosidade dos ciganos e a vira conversando na barraca

de Sergei. Temia que fosse obrigado a sair do acampamento.

— Seja qual for o problema, eu não te deixarei. Ela sorriu.

— Sabes que os nossos estão magoados comigo. É meu povo. Minha família.

Aqui

trabalhamos todos pelo bando. Não somos os aceites pelas outras raças. Uníndonos, ficamos mais

fortes. Trabalhando juntos, sobreviveremos. Entendes?

— Acho que sim — resmungou ele preocupado.

— Os fortes trabalham pelos fracos e cada um dá o que tem. Assim temos tudo. Esmeralda

não está cooperando. Os meus estão revoltados e enciumados. Preciso voltar a trabalhar.

— Queres dizer que vais dançar para os homens?

— Vou dançar para meu povo! — fez ela irritada. — E, depois, é preciso, se queres

permanecer aqui comigo. Se me recuso, é bem capaz de exigirem teu afastamento.

— Te dizes livre! Não será isso uma imposição? Ela sacudiu a cabeça.

— Os deveres da raça precisam ser respeitados para que possamos viver.

Não entendes

porque não és um dos nossos. Por outro lado, se eu cumprir com meu dever, eles não vão

interferir em nossa vida. Poderemos estar em paz e serás aceito por todos como um dos nossos.

— Não tolero que dances para os outros.

— Todos os nossos homens teriam orgulho de que sua mulher dançasse e fosse aplaudida.

Para nós é uma honra! Nem todas podem fazer isso com sucesso. Eu posso! Deves ter orgulho

de me possuir. Admirada por todos, mas só vivendo para ti.

A voz da cigana era doce e meiga. Nem sequer parecia a Esmeralda fria e indiferente.

Carlos sentiu que não podia recusar. Não desejava afastar-se dela.

Concordaria, mas iria sempre vê-la e acompanhá-la.

— Está bem — concordou por fim —, se é assim que pensas, eu não posso recusar. Não

quero perder-te. Mas estarei por perto e que nenhum homem ouse aproximar-se! Não permitirei.

— Esmeralda não quer outros homens. Quem resolve isso é Esmeralda.

Carlos puxou-a

para si e beijou-lhe os lábios tentadores.

— És minha, não te esqueças disso — murmurou com voz rouca.

— Serei tua enquanto te amar — tornou ela provocante. — Lembra-te sempre disso. O

único laço que nos une é meu amor.

— Esmeralda — tornou ele com veemência —, dizes isso para atormentar-me. Sabes que

nosso amor não vai acabar.

Ela riu bem-humorada.

— Não quero pensar no amanhã. Hoje eu te quero e isto basta. Amanhã Esmeralda vai

dançar.

Os olhos da cigana reluziam de satisfação.

### Capítulo III

A praça Mayor regurgitava de gente. Passava das nove e a noite descera calma e quente ao

brilho delicado das primeiras estrelas.

Pelo ar, o cheiro agradável dos assados e o vozerio popular. Carrocinhas de saltimbancos

exibiam seus números alegres aos apupos do populacho e aos aplausos das crianças aqui e ali.

Músicos tocavam e o povo dançava em plena praça cantando e sapateando no desafio do

ritmo, ao grito dos olés e dos aplausos. Por toda parte, pipas de vinho e rum que o povo

comprava e consumia deliciado.

Os ciganos instalaram-se a um canto, as ledoras de "*buena dicha*" espalharam-se entre o

povo, e os músicos tocavam alegremente.

Esmeralda dançava! Descalça, os cabelos negros e sedosos soltos sobre os ombros, coberta

de colares, os dedos cheios de anéis, parecia que nem pisava no chão. Lábios entreabertos, olhos

semi-cerrados na volúpia da música, a cigana parecia irreal.

Suas saias rodopiavam descobrindo nesse volteio pernas ágeis e bem torneadas e os gritos

de entusiasmo do povo pareciam incentivá-la mais e mais aos caprichos improvisados e exóticos

de sua dança.

Respiração presa, Carlos fascinado não podia desviar o olhar do vulto da cigana. Tinha

ciúme, mas mesmo assim pôde compreender por que os ciganos se orgulhavam dela. Possuí-la o

envaidecia. Na verdade, não devia ser fácil prender o amor de Esmeralda.

Pelo que sabia, amada

por muitos, era a primeira vez que Esmeralda amava. Sentia-se orgulhoso e feliz. Parecia

hipnotizado.

— Carlos! Que surpresa!

Arrancado de seu mundo íntimo, Carlos sobressaltou-se:

— Álvaro!

Trocaram um abraço entre exclamações de alegria e cumprimentos. Álvaro

era sobrinho de

D. Antônio Hernandez e amigo de infância de Carlos.

Seus pais e D. Hernandez eram amigos e nas temporadas da corte costumavam visitar-se,

chegando mesmo a se hospedarem por longas temporadas.

— Com que então estás em Madri! Quando chegaste? Por que não foste à minha casa?

— Tive alguns contratemplos durante a viagem, mas agora estou bem.

— Estiveste doente.

— Pior, fui assaltado e ferido, roubaram-se todos os haveres. Inclusive os mimos que trazia

para a família de D. Hernandez.

— Que lástima! Não se pode andar sem escolta por essas estradas. Mas onde estás

hospedado? Naturalmente irás para minha casa.

Carlos abanou a cabeça.

— Não posso. Estou com alguns amigos a quem devo a vida.

— Não digas!

— Pretendo ficar com eles mais algum tempo. E tu, o que contas de bom?

— Nada. A vida na corte é sempre a mesma. As mulheres, o vinho, as peleas, as intrigas.

Os salões estão perdendo seu encanto.

Carlos sorriu malicioso.

— Logo tu, a dizeses isso. É por ti que as damas suspiram quando cantas.

— Não é bem assim... Em todo caso, faço o que posso. Mas, olha, Carlos, que mulher!

Jamais vi outra igual.

Carlos estremeceu. Álvaro, olhos brilhantes, lábios entreabertos, um sorriso alegre, fixara-se

em Esmeralda, que sob os aplausos frenéticos encerrara sua dança.

Afogueada, com os olhos

brilhantes, a cigana sumira para dentro da carroça, enquanto o povo pedia sua volta e os músicos

começavam a tocar, concitando o povo a dançar. Mas eles exigiam a volta da cigana e para isso

dispunham-se a pagar. As moedas começavam a chover e os ciganos as recolhiam com presteza.

Quando Miro julgou oportuno, anunciou que após um pouco de descanso a cigana retornaria.

Carlos sentiu-se preocupado. Não queria que Álvaro conhecesse a cigana. Queria despedir-

se, mas o outro parecia muito à vontade.

— *Buena dicha, senõr?* Passado, presente, futuro...

Uma cigana passava por eles e Álvaro divertido estendeu a mão para ela.

— Dize-me, o que tenho para o futuro?

A cigana parou, olhou-o bem como se quisesse penetrar-lhe o íntimo. Depois, séria,

tomou-lhe a mão, apalpando delicadamente sua palma.

— Senhor, homem rico, sereis poderoso, tereis fortuna e poder. Saúde boa, amores fáceis.

Há uma mulher que pode elevar-vos ao poder ou atirar-vos no pó das estradas.

— Queres dizer que uma mulher pode fazer isso comigo? — gracejou Álvaro com ar incrédulo.

— Fará, senhor. Estou vendo. Cuidado, porque aqui há uma encruzilhada. Não posso ver

mais. Só sei que haverá dois caminhos, mas serão decisivos. Não sei qual ides escolher. Não

consigo ver...

— Como não? Não prevês o futuro?

A cigana o olhou séria. Parecia pálida e um pouco trêmula.

— Sim, vejo. Um caminho vos levará à glória e ao poder. O outro à destruição e à morte.

Tudo por uma mulher! Deus!

— O que foi? — indagou Álvaro meio agastado.

— Não posso, senhor. Não posso! Não sei qual ides escolher. Vejo-vos parado em uma

encruzilhada e os dois caminhos se estendem a vossa frente. Vejo os extremos onde eles vos

levarão. Cuidado! Não sei qual ides escolher. Se for um, será feliz; se for o outro, a tragédia virá.

— Ora, cigana! Queres assustar-me. Toma estas moedas e vai-te.

— Mina não quer suas moedas. Guardai-as. Só quer que penseis bem quando chegar a hora da decisão.

— Por que não queres meu dinheiro? — fez ele irritado. — Por acaso não o achas limpo?

— Não é isso. Só sei que não devo aceitar vosso dinheiro. Não posso!

A cigana afastou-se de repente e, antes que Álvaro pudesse segurá-la, sumiu por entre a multidão.

— Maldita cigana! — fez ele irritado.

Parecia impressionado. Carlos assistia à cena intrigado. Sabia que os ciganos jamais

recusavam o dinheiro, e o comportamento da cigana o deixara muito surpreso.

— Mulher estranha — murmurou Carlos admirado.

— Conseguiu tirar-me o bom humor.

— Bobagem, homem! O que ela disse é fantasia. Mas mesmo que seja verdade, não é tão

ruim. Lembra-te que poderás escolher e certamente escolherás o melhor.

Álvaro sorriu.

— Tens razão. Deixemos esses ciganos repelentes. Onde vamos?

— Sinto, mas preciso ir. Meus amigos esperam-me.

— Sabes o que eu acho? Que andas metido com alguma mulher. Nem sequer me

convidaste a conhecer teus amigos. Pela tua cara, que conheço bem, tramas alguma.

— Se és meu amigo, deixa-me agir à vontade. Amanhã ou depois vou a tua casa.

— Não negaste, hein, maroto? Bem, eu compreendo. Mas, pelo menos, conta-me alguma

coisa a respeito dela. É bonita?

— Alguma vez tive mau gosto?

— Está bem. Está bem. Espero-te em casa.

Abraçaram-se. Quando Álvaro desapareceu entre o povo, Carlos foi à procura de

Esmeralda.

— Onde estavas? — perguntou ela. — Não te vejo faz tempo. Quem era aquele fidalgo?

— Um amigo meu de infância. Mora aqui em Madri. Estranhou por eu não o ter

procurado.

— E tu?

— Não quis ofendê-lo. Não disse que estava em melhor companhia.

— Ou será que tens vergonha de nós? — fez ela, um pouco irritada.

— Por que dizes isso? Por acaso não te amo e te prefiro a tudo e a todos?

— Pode ser.

Esmeralda olhou-o como querendo penetrar-lhe o íntimo:

— Farias isso publicamente? Serias capaz de dizer a teus amigos fidalgos que amas uma

cigana, que vives em nossa carroça e que queres ser um dos nossos?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Esmeralda"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).